

Deuses e religiões: para que surgiram, em que se transformaram e por que deveriam sumir

Onde Deus está, o Homem não está.
(Margaret Atwood, *Oryx e Crake*)

Imagine este cenário: os primeiros grupos de humanos habitam um ambiente hostil e perigoso, não sabem quando obterão alimento nem se será suficiente à sua sobrevivência, aterrorizam-se com relâmpagos e trovões, furacões e inundações, terremotos e erupções vulcânicas, eclipses solares e lunares e doenças, e podem, a qualquer momento, ser atacados e devorados por animais ferozes ou dizimados por inimigos. Não são senhores de seus destinos nem compreendem os fenômenos físicos, químicos e biológicos. Balançam mas não caem. Resistem, como canta Elton John, *like a candle in the wind*.

Mirando tentar dar algum sentido a esse caos e alcançar mínima segurança de previsibilidade dos acontecimentos, idealiza-se o animismo: corpos siderais, animais, plantas, pedras, rios, montanhas, humanos são animados por um espírito que os conecta entre si. Todos interferem em todos, alterando, reciprocamente, suas *atitudes*. Criam-se rituais vocacionados a materializar eventos desejados: danças, sacrifícios, pinturas corporais e ingestão de substâncias alucinógenas pretendem resultar em coleta, caça e pesca abundantes, em perenização de cursos d'água, em distância de predadores ou de rivais. Os astecas, por ilustração, imolavam prisioneiros de guerra para manterem o sol vivo até o fim dos tempos.

Avante, transpondo essa *Matrix* e objetivando centralizar num panteão de divindades o otimizado endereçamento de ritos para conseguir estabelecer uma ordem a esse mundo esquisito e misterioso, cultivam-se entidades sobrenaturais antropozoomórficas, como os deuses egípcios Osíris e Ísis. E, para máximo engajamento via autoidentificação, concebem-se seres extraterrestres de forma humana, tais quais: Zeus e Afrodite na Grécia Antiga, Odin e Thor na mitologia nórdica, Exu e Iemanjá na África e Javé, Deus ou Alá a partir do Oriente Médio, vários deles expressando emoções e sentimentos mundanos (alegria, tristeza, ciúme, ira, amor, compaixão, prazer).

E o que esses seres etéreos querem de nós, bípedes do gênero *homo*, para nos perpetuarmos ou, algo mais customizado, recebermos uma graça individualíssima, como marcar alto score na prova do Enem, ser aprovado num concurso público, curar-se de uma afecção incurável ou nosso time de futebol ascender da 4ª para a 3ª divisão do campeonato brasileiro? Segundo os proto-atravesadores das vontades divinas (profetas, oráculos, pajés; ora parecidos com bonecos de ventríloquo, ora escreventes de livros com registros dos mitos e princípios balizadores de religiões; na maioria farsantes, ou excêntricos imaginosos, ou esquizofrênicos; um conselho: é melhor não anunciar que escuta vozes, mesmo de Deus... é intonação na certa), bastaria seguir certos roteiros cerimoniais e comportamentais e, claro, contribuir financeiramente para as organizações religiosas que proporcionam esse *coaching* esotérico (mediante as outrora vendas de indulgências, que garantiam a propriedade de terrenos no céu, e, na atualidade, dizimos, ampliados por pastores Tio Patinhas a *trízimos*: 10% para Deus, 10% para Jesus e 10% para o Espírito Santo; procure vídeos na *internet*, verá figuras bastante conhecidas que pedem esses aportes turbinados e fazem ou fizeram parte de

listas da Forbes dos mais ricos empresários da fé; há, obviamente ninguém trabalha gratuitamente, uma taxa de administração embutida que permite a esses engenhosos e persuasivos arrecadadores de recursos incorporarem fazendas, apartamentos, discotecas a seus patrimônios, quem me dera ser seus corretores imobiliários; devem, durante os cultos e, furtivamente, em baixo volume sonoro, transmitir cantos de sereia hipnotizantes semelhantes a: doem-nos seu suado dinheirinho, não doerá nada, ou dinheiro não traz felicidade, então nos deem o máximo que puderem e sejam felizes, ou para ganhar dinheiro é preciso gastar dinheiro), a fim de termos uma bem-sucedida existência biológica e, oxalá, socioeconômica.

Com a institucionalização e, depois, a multinacionalização das religiões de matriz cristã e considerando ter a experiência cotidiana mostrado que a sujeição àquela coreografia (levanta-senta, senta-levanta, ajoelha-levanta-senta; terá sido a inspiração para o *hit* Beber, Cair e Levantar?) acompanhada por cânticos e um jogral entre sacerdote e congregação nos cultos, a condutas obrigatórias que abarcam 100% da vida particular das pessoas, em similitude ao raio totalitário de influência do Fascismo (advertência: ocasionais desvios são fatalmente pecaminosos), e a patrocínios solicitados nem sempre, ou melhor: quase nunca, produzia as conseqüências almejadas, mudou-se o paradigma temporal das recompensas. Os resultados não se concretizam mais durante a vida terrena e sim em sequência à morte (rezar, orar e comprometer-se com promessas, quando muito, passam a engendrar meros efeitos placebo ou paralaxe, somente dependentes do auto-observador). Não se assegura nada de palpável ao longo da existência dos devotos e sim a salvação pós-extinção (subsolo infernal para os apóstatas e ateus; camarote celestial para os sabujos). Os propósitos da religião, envolvendo a adoração a

seu elenco de personagens suprassensoriais, portanto, cambiam de gerar ocorrências tangíveis para, regrido minuciosamente as ações humanas, conquistar tratamento VIP desencarnado. Nada sutil, mas esperto, muito esperto, genial. Uma aula de *branding* e reposicionamento de marca. Típico contrato aleatório porque não se anteveem, com nenhum grau de certeza, os benefícios ou malefícios a serem auferidos pelos que creem. *No necesita la garantia. La garantia soy yo.* Como *plus*, preveniu queixas de propaganda enganosa (superaria, conforme episódio de Os Simpsons, um dos casos mais emblemáticos de embuste a consumidores até hoje: o filme cinematográfico A História Sem Fim).

Ainda assim, dado o notório caráter alegórico e ficcional das histórias religiosas e de suas deidades, justificável, em seus primórdios, pela carência de discernimento e conhecimento a respeito dos rudimentos, do abecê, das noções elementares da realidade fática que nos circunscreve e permeia, por que os clérigos e fiéis teimam, a despeito de incontáveis evidências científicas em sentido contrário, em conferir total veracidade aos enredos, contos, prosas e licenças poéticas das religiões? Façam suas apostas no Betgod: ingenuidade crédula, déficit cognitivo, alienação mental e manutenção de poder são respostas com pules numerosos.

Como sustentar, hoje, o criacionismo se, em abono à teoria do Big Bang, é sabido que o Universo se encontra em contínua expansão, impulsionada provavelmente pela explosão de uma partícula de imensurável densidade e que pariu a detectável radiação cósmica de fundo em micro-ondas? Se, com os gigantes telescópios terrestres e espaciais, enxergamos como as estrelas nascem e morrem e nos conscientizamos de que o sistema solar é um desprezível grão de poeira se comparado com a infinitude do cosmos? Se, por

intermédio de datação radioativa de rochas, a geologia atesta que o planeta Terra existe há cerca de 4,5 bilhões de anos? Se o estudo comparativo da fauna pretérita com a moderna corrobora o darwinismo (as aves descendem dos dinossauros terópodes e, exemplo mais recente, os cães descendem dos lobos)? Se nossos dentes sisos são um resquício de quando nossos ancestrais tinham mandíbulas maiores e sua dieta exigia a mastigação de alimentos mais duros e não cozidos, difíceis de serem triturados, padecendo de funcionalidade atualmente? Se, depois de nossos ancestrais haverem conseguido produzir faíscas e preservar o fogo (não o da paixão, que, mesmo com massagens nos pés, entrega de flores e alta concentração demográfica de velas aromáticas no quarto do casal ou trisal, mantém-se aceso por 2 anos no máximo), a ingestão de alimentos cozidos, de mais rápida digestão, culminou com a drástica diminuição de nosso sistema digestivo e com o paralelo aumento substantivo de nosso cérebro, avantajando nossa capacidade intelectual? Você, caro leitor, acha tudo isso fantasia, realismo fantástico literário? Mescla de Haruki Murakami com Neil Degrasse Tyson ou Richard Dawkins?

Acha mais crível que um Deus todo-poderoso (rápida reflexão: se Ele ou Ela ou Elu fosse mesmo bam-bam-bam, a última coca-cola do deserto, mandachuva, não haveria o Mal; ou os seres malignos são igualmente poderosos, ou Deus, sabe-se lá por quais tortas razões, aceita a existência e a atuação deles) disse *faça-se a luz* e as trevas passaram a ter a companhia da luminosidade? Nesse ponto, cabe realçar que, consoante o Gênesis, o sol somente foi criado dois dias depois. Então, qual seria a fonte da luz primogênita? Talvez Deus tivesse uma lanterna de ultra-mega-*blaster* potência, munida com pilhas Duracell... Que o homem foi formado de pó de terra e que a mulher veio de uma das costelas dele? Abastece os machistas com a visão de

inferioridade das mulheres; as feministas com o chiste de que o homem foi o rascunho e a mulher, a obra-prima. Que ocorreu um dilúvio *universal* (lembrete: plagiado da lenda mesopotâmica de Gilgamesh) e o cruzeiro da Arca de Noé transportou um casal de cada uma das espécies de animais? Aparentemente, o senhor e a senhora tiranossauro rex e os demais lagartos terríveis não entraram naquela embarcação, mais sólida do que o Titanic, o que deve ter determinado suas extinções e não o impacto de um enorme asteroide no Golfo do México. Que Moisés mergulhou seu cajado no Mar Vermelho e se abriu um caminho entreáguas para os hebreus fugirem dos egípcios? Seria um instrumento de grande valia para os guarda-vidas de piscinas e litorais. Que o sol fez uma paradinha para Josué invadir e dar cabo de Jericó? Quem escreveu sobre essa incursão bélica ainda fazia uma fezinha no Geocentrismo. Que Jacó, assumindo posteriormente a alcunha de Israel, lutou com um anjo e o venceu? Quiçá ele tenha sido o pioneiro do Krav Magá; o anjo, desavisado, não contava com sua astúcia. Que os judeus são o povo escolhido de Deus? Se, por ocasião do êxodo do Egito, tivessem dobrado à direita no final do Sinai em vez de seguirem em frente a Canaã, estariam banhando-se em petróleo; então, na verdade verdadeira, os árabes são os prediletos de Deus. Que Maria engravidou de Jesus sem haver copulado? Ignora-se por que ninguém investigou se aquele Gabriel aplicara um boa-noite Cinderela e se Maria não teria reprimido a traumatizante memória do ocorrido. Que Jesus ficou 40 dias no deserto à míngua (o mágico e ilusionista David Blaine, lacrado numa suspensa caixa de vidro transparente, em Londres, ficou 44 dias sem se alimentar, só se hidratando), caminhou sobre as águas (teria descoberto um longo banco de areia pouco submerso?), devolveu a visão a um cego (além de carpinteiro, devia ser um boticário amador), multiplicou pães e transformou água em vinho (chamem Mister M, o paladino mascarado, o príncipe dos sortilégios, para revelar o truque) e

ressuscitou Lázaro e a si próprio (por isso muitos genros proíbem o enterro de suas sogras em Israel: vai que essa volta dos mortos se repete)? Sério? À vera? Resposta: sim, há um pouco mais de 2 bilhões de pessoas que acreditam em tudo isso e em muito mais!

Esses fundamentalistas, pautando-se cegamente na literalidade das palavras *divinas*, ofendem, agridem, matam (ou não se importam com que outros o façam) aqueles que, pavimentados em pensamentos racionais e/ou descobertas científicas empíricas ou observacionais, ou simplesmente não se espartilham no rígido molde cis-heteronormativo, ousam rechaçar os códigos transcendentais¹. Que se diga de Giordano Bruno e Galileu Galilei, defensores do Heliocentrismo ou Copernicanismo (a Terra orbita o Sol). O primeiro não se retratou e, por obra e graça do Tribunal do Santo Ofício da Igreja Católica, o Talibã da época, virou churrasco; o segundo abjurou (renegou) suas convicções, baseadas no que divisou por lunetas fabricadas pelo próprio e em cálculos matemáticos, e foi sentenciado por aquele emburrecedor tribunal de exceção à prisão domiciliar até o restante de seus dias. Baruch Espinosa, pelo menos, só foi excomungado pela comunidade judaica holandesa por questionar o Antigo Testamento. Se Einstein tivesse sido contemporâneo de GB ou GG, decerto, coitado, seria carbonizado. E contra ele ainda pesaria ser judeu (parêntesis: como também sou judeu – mas esclareço: apenas aninho o sentir de pertencimento a esse povo; desaprovo o corporativismo e este libelo dissertativo se estende à religião judaica –, peço mil desculpas ao Vaticano por parentes meus distantes, alguns tatara-tatara-tatara-tatara-tatara...primos,

¹ Para uma abordagem sobre o anacronismo e as consequências essencialmente discriminatórias, perniciosas, venenosas, desagregadoras e segregacionistas da religião, confira-se o meu *Religiões polarizam a humanidade*.

deixarem-se levar pelo clamor da multidão e contribuído para Pilatos ordenar a crucificação de Jesus; era um segredo familiar, mas reconheço que eles estavam de passagem por Jerusalém e se manifestaram pela soltura de Barrabás; herdei um pergaminho com a narração, meio borrada mas ainda legível, desse incidente vexatório; mas chega, a Igreja Católica e seus capangas já não se vingaram de nós o suficiente?).

Porém, a partir do instante em que se decifram os fenômenos naturais, há que se cortar as superstições religiosas. A superioridade do conhecimento científico reside, com alicerce em novas observações e experimentos, em ser possível contraditá-lo, sacudi-lo, demoli-lo e reconstruí-lo. E os tabus religiosos? São concretados, graníticos, mumificados. Representam o eterno *replay* de um passado inventado, enferrujado, corroído e corrosivo, sempre dessintonizado do presente fidedigno e bloqueador de um futuro aprimorado.

Agarrando-se à extremidade de uma corda para não despencar no precipício, diz-se que a religião serviria para nos ensinar moralidade. Maiúsculo, gulliveriano engano. Nas Velhas Escrituras, Abraão, o patriarca do judaísmo, cristianismo e islamismo, por uma dupla de vezes mentiu que Sara, sua esposa, era unicamente sua irmã e não se opôs a que fosse tomada como amante ou cônjuge por outros homens (algum faraó do Egito e Abimaleque, rei de Gerar; Gênesis 12:10-20 e 20:2). Na primeira oportunidade, o engodo teria sido motivado pela fome que assolava a região; na segunda, talvez por esses antecessores de Bonnie e Clyde haverem gostado do *know how* adquirido do embrionário estelionato do amor. Abraão de novo: Deus, acometido de uma ciúmeira daquelas (Abraão bem-Me-quer, malMequer, bem-Me-quer, malMequer...), impõe que esse sacrifique

Isaque, seu filho único, nascido quando Sara tinha a juvenil idade de 90 anos, para provar cabalmente que ama mais o primeiro, desistindo ou encenando desistência ou se arrependendo dessa crueldade monstruosa no derradeiro átimo (Gênesis 22). As filhas de Ló, sucessivamente à emigração de Sodoma e Gomorra, embebedaram-no, tiveram relações sexuais com ele e engravidaram do próprio pai (Gênesis 19:36). Já em Jó 40:9-14, Deus, porventura entediado (onipresença e pretensa onipotência devem embarrear novidades e surpresas), fez uma aposta com o Diabo (sim, você está lendo corretamente: fez uma aposta com o Tinhoso), consentindo com que aquela inocente vítima fosse alvo das maiores provações (terrível enfermidade, exaurimento de bens materiais, morte dos filhos) e colocando todas as suas fichas, mesmo após essas incapacitantes tribulações, na bovina continuidade do amor de Jó a Deus (assim é bom demais: aposta mas não sofre as consequências de a perder; pimenta no (piii!) dos outros é refresco). Acreando essas passagens com os conteúdos dos livros Decamerão, Cinquenta Tons de Cinza e os de autoria do Marquês de Sade, concluimos que esses são fábulas infantis cute-cutes. Os mencionados trechos bíblicos não são sublimemente edificantes e estandartes de insuperáveis exemplos (i/a)morais a serem copiados?

Quase encerrando, alude-se a estes extratos da canção Polícia, do grupo Titãs, cujo título poderia, sem nenhum prejuízo semântico, ser substituído pelo vocábulo religião:

Dizem que ela existe pra ajudar
Dizem que ela existe pra proteger
Eu sei que ela pode te parar
Eu sei que ela pode te prender

.....

Dizem pra você obedecer
Dizem pra você responder
Dizem pra você cooperar
Dizem pra você respeitar

.....

Nobody moves, nobody gets hurt
Nobody moves, nobody gets hurt
Nobody moves, nobody gets hurt
Gets hurt, gets hurt, gets hurt, gets hurt

Não é melhor para todos dar um chá de sumiço em
deuses e religiões? Para que precisa? Por que precisa?